

## Segundo Caderno

Rio Branco, terça-feira, 28 de março de 1989

O RIO BRANCO

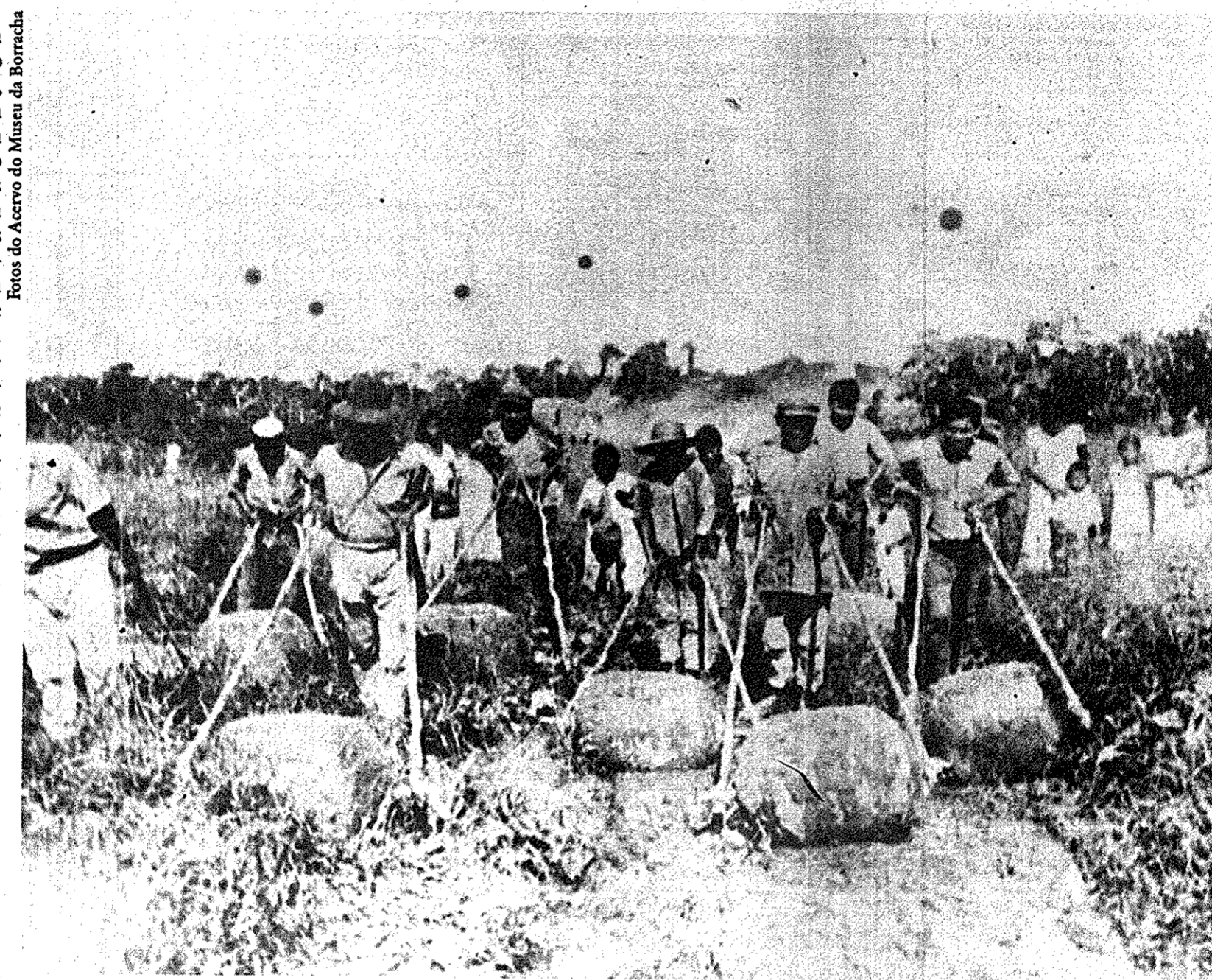
# Esses Povos da Floresta...

Com a vinda da primeira leva de nordestinos para o Acre no final do século XIX, desencadeou-se uma guerra inóspita entre o homem recém chegado ao estranho habitat amazônico e suas condições de sobrevivência na selva virgem. Aqui, estes homens procurando se adaptar ao novo contexto, tiveram que enfrentar todo tipo de adversidade, pois estavam frente a frente com o desconhecido, olhando e convivendo com os fenômenos de uma floresta fechada e de natureza bruta, onde pés humanos nenhuns (exceto os índios, que eram nações com outras culturas) haviam pisado. Além de enfrentarem todo tipo de pestes (como malária, febre amarela, doenças de chagas, etc), também digladiavam-se com as feras, que eram diversas, numa luta desigual, num verdadeiro salve-se, quem puder.

Em outras partes do mundo, em continentes diferentes, havia uma procura insana por esta riqueza gomífera, matéria-prima tão útil ao início do desenvolvimento industrial das grandes cidades. Daí, houve uma verdadeira procura por este chamado ouro negro, que servia para o fábrica de pneumáticos, usados nas grandes guerras e nas revoluções industriais que pipocavam em cidades europeias.

O homem amazônico, mistura de nordestinos com índios da região, já naquela época, antes de Euclides da Cunha detectar, era um forte. Lidava com todo tipo de dificuldades, quer na sua sobrevivência diária, quer na dificuldade de escoamento da produção, pois, no início de tudo, não havia sequer animais fazendo "comboios", para lhe ajudar no transporte das "pelas" de borrachas, dos sacos de castanhas, e até mesmo nos mantimentos que necessitavam para continuarem sobrevivendo. Sua labuta diária era um constante frenesi, tanto para a realização da sua vida sexual, como para a "caçada" da sua alimentação e confecções de vestimenta.

Além de tudo isso era explorado pelo patrão, que vivia aumentando os preços dos produtos de primeira necessidade, como sal, açúcar, óleo, sabão, etc.



— Antes dos "comboios", o transporte das "Pelas" de borracha era feito pelos próprios seringueiros, que saiam puxando suas produções, das colocações para a sede dos barracões

Sua fase de adaptação deu-se de forma desumana e abrupta, pois eles necessitavam criar novas relações de sobrevivência, enfrentando a solidão e tentando se relacionar com outros seres da sua espécie, que muitas das vezes se encontravam a dez horas de distância um do outro. O escoamento da produção de borracha, das "colocações", onde os "brabos" trabalhavam para os barracões dos seringueiros, era feito de forma rudimentar: Os seringueiros e meeiros saiam arrastando as "pelas" pelos varadouros e "piques" feitos por eles nas matas, pois ainda nem mesmo os animais, como cavalos, bois e burros, haviam chegado nestas clareiras amazônicas. Com o passar dos tempos, as "pelas" passaram a ser transportadas através de lombo dos animais, criando os chamados "comboios", que traziam mantimentos para os seringueiros, voltando para os barracões dos seringueiros com as borrachas nas costas.

### EXTRAÇÃO E FABRICO PRIMITIVO

Também a forma de extração e acabamento do fabrico da borracha acontecia de forma redimentar, primitiva mesmo, onde o mais prejudicado era o próprio seringueiro que, na sua labuta diária, sendo a caça e o caçador, tinha que trabalhar do início ao fim de cada "pela", enfrentando fumaça nos olhos, acordando de madrugada, brigando com feras, perdido nesta imensidão verde, enriquecendo os bolsos do seringueiro, e sem condições de voltar à sua terra natal.

Dos inúmeros barracões as borrachas seguiam para os portos de Manaus ou Belém, onde era trabalhada a matéria-prima e depois enviada à Europa para a industrialização que alicerçava o desenvolvimento industrial daquelas cidades que necessitavam deste material, único no

mundo, existindo somente na Amazônia. Naquela época, e nestes lugares, a exploração já se fazia presente, pois estes reais trabalhadores da cultura da borracha eram seres pálios, desconfiados e sem perspectiva de vida, fechados num destino desigual e sem acreditarem num melhor futuro, era um deus-nos-acuda nestas brenhas em solidão.

Passaram-se os tempos e agora no Segundo Encontro Nacional dos Seringueiros, que realiza-se no Ginásio Coberito, discute-se esta realidade e muitas outras. Do final do século XIX ao término do século XX muitas águas rolaram nestes rios amazônicos, também muitas "pelas" foram fabricadas por estas mãos incógnitas, porém a realidade do seringueiro ainda é muito parecida com aquela de quando aqui aportaram, fugindo das secas ou das guerras.

### SERINGAIS E SERINGUEIROS CANSADOS

Os seringais nativos estão cansados, já não produzem como antes e a Amazônia já não detém o monopólio da borracha no planeta Terra; também as mini-usinas não deram certo. As fontes de riquezas da região não são somente as que derivam do chamado extrativismo primitivo do início do século, outras culturas apareceram, trazendo desenvolvimento à região. E até mesmo para o escoamento da produção extrativista. É preciso e necessário que as estradas vicinais, ou não, ofereçam condições de tráfego para não mais o homem amazônico ter que carregar sua produção nas costas, lembrando uma cena da Pré-história. A vida econômica de qualquer povo não pode e não deve parar no tempo e no espaço. A sociedade, por ser dinâmica, deverá optar por outras formas e maneiras de desenvolvimento, claro, sem esquecer o bem-estar de quem aqui vive e produz de maneira honesta. Humanizemos, pois, aquilo que se conven-

cionou chamar progresso. Também nenhuma história se faz por rapturas, e sim por processos. Que esta história dos povos da floresta e das cidades seja qualificada, que ofereça condições mais dignas e mais favoráveis a quem tem boas intenções e a quem trabalha, sem sectarismo, claro!

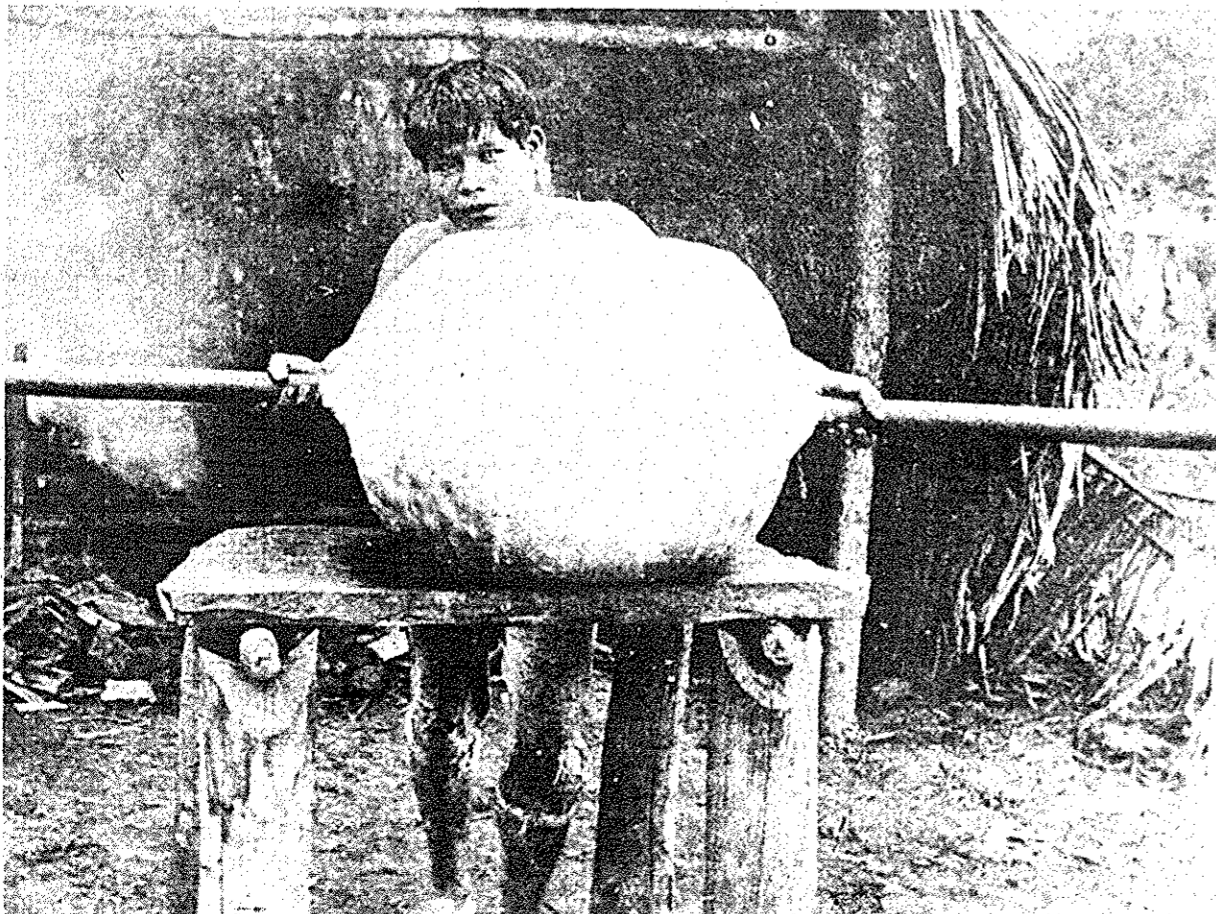
### EXPOSIÇÃO DE UMA ANÔNIMA REALIDADE

O Museu da Borracha, ligado a Fundação Cultural do Estado, de hoje até o dia 31, estará realizando, no Centro de Treinamento, uma exposição de fotografias antigas, onde serão mostrados os processos de defumação e de transporte da borracha e da castanha, produtos estes que fizeram parte da economia de um povo, por muitos e muitos tempos.

Segundo a coordenadora do Museu - Rosemeire Martins - a exposição mostrará a luta do seringueiro, lembrando que este ser anônimo sempre fez tudo, sempre sofreu e nunca foi valorizado em nada. Seus bolsos furados continuam vazios. Comentando sobre a estrada que ligará o Acre ao Pacífico, a coordenadora disse que a mesma é viável, porém deve ser levado em consideração as questões levantadas pelos próprios seringueiros.

No mais, resta-nos prestigiar esta exposição que irá mostrar, através de fotografias, uma parte da nossa história, que muitos acreanos desconhecem e que, sem sombra de dúvida, fizeram e fazem parte da mesma. Quanto ao Encontro dos Seringueiros que se discute as questões com conhecimento de causa e sem fanatismo. Só assim haverá uma nova síntese, pelo menos de entendimento para a questão que não é tão simples como aparenta a moda. É que se deixe de lado os mercantilismos do modismo que se aproveitam de situações problemáticas para tirarem proveitos próprios, se mostrando assim progressistas e entrando na moda.

(Naylor George)



— Seringueiro do início do século rolando a borracha para extrair a água contida na "Pela"



— Balsas de borrachas amarradas com arames e controladas por homens e seus "varejões", que desciam rio abaixo, até Boca do Acre, depois seguiam para portos de Manaus e Belém